

DISCURSOS SOBRE O SUJEITO SURDO E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE GENÊROS DISCURSIVOS

Juliana Pellegrinelli Barbosa COSTA¹

RESUMO: Este texto visa analisar os discursos sobre o sujeito surdo de forma a perceber a formação do imaginário que se instaura através da linguagem. Serão delineados como *corpus* da pesquisa textos atuais de propagandas, jornais ou televisão; piadas que tragam como assunto o sujeito surdo e por fim, como forma de restaurar o percurso histórico do discurso sobre estes sujeitos, serão coletados textos de uma instituição de ensino que lida com a questão da surdez há 150 anos. No presente artigo nos ateremos a uma pequena análise de uma piada para ilustrar o trabalho que se pretende. O trabalho terá como arcabouço teórico a Análise do Discurso de linha francesa.

ABSTRACT: This article focuses on the displacement of sensible in discourses that involves the deaf subject in some discursive genders, aiming to shed some light about a possible new imaginary formation emerging. We will take as our corpus objects like jokes about deaf subject, trying to establish a relation with nowadays discourse that appears in schools, newspapers, internet or television. As another corpus point, we will take some important documents searched in a relevant historic Brazilian institution, that has existed for on 150 years. This project will be constructed based on the French Discourse Analysis theory.

1. INTRODUÇÃO

Piada: “Música do surdo:
Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada...”²

Quais aspectos uma piada pode revelar? Quais destes aspectos seriam interessantes para serem analisados no presente artigo? Refletiremos acerca destas questões mais adiante, já no momento da análise, mas antes, seria imprescindível destacar a idéia principal que norteia e motiva a pesquisa proposta.

Há, nos dias atuais, uma incidência inegável de um discurso que faz aparecer a figura do sujeito surdo nos Aparelhos Ideológicos do Estado³ (AIE). Pensando a respeito deste discurso, de certa maneira, novo, nasceu a idéia de analisá-lo. Foram escolhidos como corpus da pesquisa, gêneros discursivos específicos que tomem a figura do sujeito surdo como foco, são eles: textos diversos e piadas retirados de sites atuais disponíveis na internet e escritos históricos pesquisados em uma instituição que lida com a questão da surdez há 150 anos.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CNPq. E-mail: jucosta77@yahoo.com.br.

² Piada retirada do site: <http://www.ig.orapois.com.br/piadas.php?page=pesquisa> – acessado em 15/09/07.

³ Segundo Althusser, grande leitor de Marx e orientador de Foucault, a instituição religiosa, escolar, familiar, jurídica, política, sindical, da informação e cultural, seriam os AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado). Althusser concebia ideologia como mascaramento das relações de poder. Althusser (1983).

No presente artigo, nos ateremos à análise da piada, relacionando-a aspectos do discurso atual sobre o surdo. A questão da análise dos escritos históricos, apesar de não ser analisada no presente artigo, merece menção por sua relevância. Ela será investigada sob a luz da arqueologia, grande trabalho de Foucault, no qual ele analisou a história de forma a descobrir as causas do discurso que vigorava, a construção de seu vocabulário e como ele foi autorizado. A exemplo de Foucault, pretendemos analisar os discursos sobre o sujeito da surdez, o vocabulário a ele pertinente e a legitimação do mesmo na sociedade.

O que Foucault várias vezes ali afirma é que uma análise arqueológica supõe que se abandone uma interpretação formalista dos enunciados em favor da compreensão mesma das condições históricas em que se formam os sistemas de enunciados. É a essa procura que ele chama o *arquivo*. (...) (RAMOS do Ó, 2003: 86)

2. JUSTIFICATIVA

Com o intuito de mostrar a relevância de análises discursivas que apontem para a questão do sujeito surdo, levantaremos alguns pontos de reflexão. Torna-se fator de destaque colocar a questão da surdez como ligada a um discurso de inclusão de sujeitos com deficiência, pois em vários momentos o sujeito surdo aparecerá como foco neste tema. No que diz respeito à relevância acadêmica da questão, Coracini (2004) aponta para a questão da inclusão social de maneira ampla, chegando a citar a questão física. No texto, a inclusão é vista como mais uma forma de apagar as diferenças. A autora deixa marcas que levam a refletir sobre a inclusão e direcionam a mais pesquisas na área. Motta (2004), tese de doutorado, coloca em questão a inclusão de sujeitos com deficiência se utilizando, entre outros, do aparato teórico da Análise do Discurso, doravante AD, na qual aponta também para a necessidade de novas pesquisas.

No que diz respeito à incidência do tema surdez e a conseqüente aparição do sujeito surdo em variados discursos, temos a pesquisa feita pelo IBGE, através do censo 2000⁴, revelando haver, no Brasil, 5,7 milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva e dentre estes, pouco mais de 170 mil se declaram surdas. Estes dados, apesar de serem vislumbrados como um meio essencialmente cartesiano de medida são reveladores, principalmente, por ser um dado novo em uma das pesquisas de grande importância no cenário nacional.

Destacamos o crescente número dos cursos de libras emergindo no Brasil, a abertura de concurso público para professores surdos, a existência da função tradutor-intérprete como cargo no ministério federal, a abertura dos cursos de Letras Libras e os decorrentes congressos⁵ suscitados a partir destas novas perspectivas de vivência da surdez. Se compararmos a valorização que ocupa, atualmente, a questão da surdez com a mesma questão vislumbrada há 10 ou 15 anos atrás, teremos um discurso, relativamente

⁴ Conferir:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=1, acessado em 10/09/2007.

⁵ Dados retirados a partir da fala da Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros, por ocasião do Fórum Permanente de Desafios do Magistério – Educação para as diferenças: O estudante surdo e a formação de professores, realizado em 23/05/07.

novo. Estes cenários envolvem uma linguagem merecedora de análises diversas e no caso em que nos propomos a desenvolver, uma análise discursiva.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Falaremos sobre linguagem e sujeito, através da ótica da AD pensando-os como pontos de destaque para a tese que será escrita. Se a proposta é analisar os discursos sobre o sujeito surdo de forma a perceber a formação imaginária em constante transformação sobre este sujeito, então vejamos a base teórica sobre linguagem/ discurso e sujeito.

Iniciemos nossa escrita sobre linguagem trazendo uma afirmação de Pêcheux sobre o que vem a ser os esquecimentos numero 1 (ideológico, inconsciente) e 2 (da enunciação), que serão ligados ao conceito de linguagem pelo qual se estabelece a análise do discurso no decorrer das considerações:

(...) esquecimento número 2, pelo qual todo sujeito “falante” seleciona no interior da formação discursiva que o domina, (...) esquecimento número 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina (...). (PÊCHEUX, 1988: 173)

A partir das considerações acima entram em questão uma visão diferenciada tanto de linguagem como de sujeito, que assume que escrever sobre linguagem na concepção da AD é assumir que a linguagem não é transparente, ou seja, seus sentidos não estão lá, já postos, como em um dicionário. Ao contrário, dependerão da formação discursiva⁶ de quem dela faz uso. Tal concepção assenta-se sobre a afirmação de Lacan, que vai além da lingüística estrutural de Saussure, pela qual ele afirma a predominância do significante sobre o significado. Nós não vemos as coisas do mundo e lhes atribuímos palavras, ao contrário, palavras fazem com que interpretemos o mundo. A linguagem não é direta porque cria sentidos diferentes em diferentes interlocutores, as palavras são vazias de sentido e cabe ao sujeito imbuí-las de sentido. Esta afirmação revela a polissemia da linguagem, o deslizamento dos sentidos, o efeito metafórico.

A linguagem não ser transparente relaciona-se ao fato da figura do sujeito aparecer em lugar de destaque; e junto ao sujeito ganham foco história e ideologia⁷. Retomando as palavras de Orlandi (2004, p.28), a linguagem pela qual a AD se interessa será tomada como prática, como ação que constitui identidades.

A linguagem é um conjunto de imagens visuais, sonoras, táteis e olfativas, que, portanto não diz respeito somente ao intelecto. Estas imagens compõem nossa formação imaginária, sempre em movimento, se construindo e reconstruindo. Se nos dispusermos a falar ou escrever sobre o sujeito surdo, nosso imaginário é um e nossa linguagem será

⁶ Em Foucault (2005:43) temos que formação discursiva seria o caso em que pudéssemos “(...) descrever entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações (...)).”

⁷ Ideologia não como um conjunto de idéias, porém como gestos de interpretação, como mecanismo de produção de sentido. Conforme Orlandi (1990:36), a ideologia aparece não como dissimulação, mas interpretação do sentido em uma direção.

constituída pelas imagens que temos e pela forma como este sujeito é dito ao nosso redor. Deste simples exemplo tiramos ao menos duas premissas, temos um acervo de discursos que nos constituem e a linguagem é também o lugar da materialização do inconsciente.

Quem é o sujeito, na visão da Análise do Discurso? Passaremos a mostrá-lo a partir do texto de Brandão (2004). O primeiro aspecto concernente ao sujeito é o fato deste ser histórico, marcado no tempo e espaço. Ou seja, ele enuncia a partir de um determinado lugar e em uma determinada época, portanto também é sujeito ideológico.

Outro ponto fundamental; há o outro no discurso, o outro interdiscursivo, aquele que aparece como destinatário da fala e o outro intradiscursivo – outros discursos historicamente constituídos que emergem da fala do sujeito. A existência do outro no discurso faz com que o sujeito apareça também como sujeito do inconsciente e ainda o torna clivado, no sentido de haver uma estrutura complexa que não se reduz à relação com o outro, mas também com este terceiro elemento, o inconsciente freudiano, concebido como linguagem do desejo censurado.

A existência do imaginário é reveladora, o enunciador fala de uma posição historicamente definida, que tem a ver com ideologia, mas que também é imaginária – conforme nossa posição discursiva, assumimos papéis e discursos que são de nós esperados – são representações imaginárias que revelam o sujeito descentrado, retirado de seu centro de controle, não senhor de si.

(...) o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva). (ORLANDI, 2001: 99)

Assumimos este sujeito como efeito da linguagem, representação daquilo que ele diz e que na verdade o diz, ou seja, se o discurso do outro o diz e se ele diz-se do discurso do outro aparece o sujeito como ligado à linguagem.

4. OBJETIVOS

A partir da filiação teórica proposta pela AD, assumimos os seguintes objetivos como parte da pesquisa que se realizará na escrita da tese e que será concebida na forma de uma pequena análise para a ilustração deste artigo:

Primeiramente, perceber a formação imaginária com respeito ao sujeito da surdez, presente em discursos atuais, em textos veiculados via internet.

Perceber também, a formação imaginária com respeito ao sujeito surdo, representada pela materialidade discursiva de textos humorísticos, sob a forma de piadas.

E ainda, mostrar a questão da formação imaginária percebida através da materialidade discursiva de textos selecionados dentre os documentos históricos de 150 anos de existência de dada instituição de ensino brasileira.

Analisar as distintas formações discursivas do corpus formulado revelando os deslocamentos sócio-históricos ao longo dos anos, que, de certa forma, constituem o discurso atual. Assinalamos fazer presente neste artigo, somente o objetivo que se refere à formação imaginária sobre o sujeito surdo que se revelará no texto humorístico.

5. ANÁLISE – EFEITOS DE SENTIDOS MOBILIZADOS E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O SUJEITO SURDO

Passaremos a analisar a piada mencionada no início do artigo relacionada ao discurso atual, de modo a perceber a ou as formações imaginárias circulantes que dizem respeito ao sujeito surdo. Os gêneros discursivos nos constituem e fazem parte de nossa formação discursiva de modos heterogêneos. O discurso humorístico é encarado como brincadeira, em tom de comédia, na maioria das vezes, não tem autoria marcada, aparece mais na oralidade, na informalidade, não é marcadamente usado no âmbito científico. Então, por quais razões ele é aqui tido como representativo?

Conforme Possenti (1998), as piadas são reveladoras de estereótipos, são a representação do discurso não oficial, subterrâneo, controlado por regras sociais de bom comportamento e neste sentido, podem se contrapor ao discurso autorizado. O mesmo autor também coloca a questão do motivo da graça na piada não ser o seu tema, porém, “uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema”(Possenti, 1998, 46). O raciocínio que nos confronta é o da surdez apresentada como tema de piada, seguindo o pensamento do autor, é tema que instaura críticas, que se assenta em nosso inconsciente como um assunto conflitivo. Poderíamos pensar então no que se cala quando se instaura um discurso autorizado, com um vocabulário próprio, lícito, estabilizado ou ilícito, silenciado. A piada é a própria personificação dos discursos silenciados⁸.

A piada selecionada, encontrada via internet (da mídia), retoma a letra da canção: Toda forma de poder, de Humberto Gessinger, do grupo Engenheiros do Hawaii. Há o uso de um discurso anterior para que os sentidos possam ser ligados e haja um deslizamento capaz de fazer rir. A piada se ancora no conhecimento prévio não só da letra, mas também da melodia, a um discurso anterior, que não faria sentido em outra época, em outro país, para provocar o efeito de humor. Notemos a constatação de uma afirmação colocada pela teoria da AD de que um enunciado, por ser histórico, liga-se a um enunciado anterior, mesmo que não nos demos conta. Ou seja, nada é totalmente novo.

O título, música do surdo, já é parte do sentido que se almeja alcançar, sem a relação entre título e conteúdo, não haveria o efeito esperado. Ao pensarmos em música e surdez, temos claramente uma relação que se estabelece distinta daquela que poderia ser a relação de um ouvinte com a música, com um som. Um outro aspecto que nos chama a atenção seria pensar no que representaria a contraposição música de surdo/música de ouvinte. O simples mencionar de quem é a música é fato que revela uma formação imaginária que vê o surdo como sujeito marcado pela diferença.

O imaginário sobre o surdo revelado a partir dos efeitos de sentidos⁹ instaurados pela piada se constitui através da força da relação de poder entre surdo e ouvinte. A constituição do sujeito se dá entre o mesmo e o diferente, entre formações discursivas

⁸ Conforme Bolognini (2007:20), “o certo e o errado são construídos pelo discurso e estão inseridos em um determinado contexto histórico-ideológico (...)”.

⁹ Conforme Orlandi (1992:20) “Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas.

conflitantes, na heterogeneidade que movimenta os sujeitos e os sentidos em um deslizamento constante. No espaço da linguagem, se instauram as relações de poder. Prestar atenção no que é dito e não entender nada é relação de poder. A piada coloca a música na boca do surdo como se ele dissesse que presta atenção no que “eles”, ouvintes dizem, mas eles não dissessem nada. Quem não tem o poder, nesta visão, é quem não entende nada, ou seja, o surdo; e quem o tem é quem diz tudo, mas acomoda-se na postura de não ser entendido, o ouvinte. Nesta relação marcada pelas palavras que não estão em um lugar qualquer, mas na piada, portanto, feita para rir; pela melodia alegre da canção, também para fazer rir e pela posição que ocupa, ou seja, retirada de um site de humor e não de outro site sobre surdez ou relacionado à questão da inclusão. Podemos perceber a questão da diferença encarada na contramão do discurso da inclusão.

A mesma piada, se fosse veiculada em outras condições de produção, como por exemplo, um site ligado à educação, seria capaz de mobilizar sentidos novos, poderia pôr em jogo a questão de libras como língua, como primeira língua para o surdo, mas não é este o sentido mobilizado. Somos convidados a ocupar uma posição discursiva condizente com o discurso da inclusão do sujeito surdo, mas que volta e meia depara-se com um discurso conflitante como o revelado através da piada. O que a piada mostra é o que o discurso da inclusão muitas vezes pode calar, os conflitos que nos habitam ao lidar com a questão da diferença, com a heterogeneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, L. (1983). *Aparelhos ideológicos do estado*. Tradução de W. J. Evangelista e M. L. Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BOLOGNINI, Carmen Zink (2007). “O efeito da metáfora e da metonímia no gesto de interpretação: quem é o rei no ‘Rei Leão’?”, in: BOLOGNINI, Carmen Zink (org.), *Discurso e ensino: o cinema na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine (2004). *Introdução à análise do discurso*. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- CORACINI, Maria José (2004). “Escrita do Professor, Cidadania e Identidade”, in: *Revista da ANPOLL*, nº.17, jul./dez, pp. 285-306.
- FOUCAULT, Michel (2005). *A arqueologia do saber*. 7ª edição. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MOTTA, Livia Maria de Mello (2004). *Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão – um estudo na perspectiva da teoria da atividade*. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ORLANDI, Eni P. (1990). *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1992). *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- _____. (2001). *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (2004). *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- POSSENTI, Sírio (1998). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- RAMOS DO Ó, Jorge (2003). *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*. Lisboa: Educa.